

Pecuária

Reavaliar a competitividade

Julio Otavio Jardim Barcellos*
Guilherme Cunha Malafaia**

ATÉ O final dos anos 90 a pecuária de corte brasileira cresceu em produtividade e aperfeiçoou o modelo de gestão do negócio. Agora, é necessário reavaliar a sua competitividade em face da:

- Introdução da rastreabilidade;
- Ocorrência de focos de febre aftosa;
- Perda de rentabilidade.

A construção da competitividade na pecuária de corte depende da análise das debilidades e das fortalezas envolvidas na aplicação dos recursos físicos, econômicos e humanos. Como o ciclo não é fechado, para a manutenção de uma vantagem competitiva, devem ser identificados os investimentos necessários para cobrir os *gaps* tecnológicos estratégicos.

O negócio pecuário, respeitadas algumas especificidades, segue os conceitos clássicos da economia industrial. A atividade econômica começa com a ocupação do território, na forma de subsistência. Foi necessário incorporar conhecimento e dispor de tecnologia para transformar os processos de produção. Um processo lento.

Na virada para o século XXI, o cenário exige uma nova postura. Agora há uma especificação de produto, normal para qualquer outra atividade produtiva. Quem determina o boi a ser produzido é o mercado. O paradigma quebrou. Surgem desafios na linha do empreendedor. A velocidade da mudança foi muito rápida.

Quando um produtor tem um novilho à venda, há também o do concorrente. Se os animais reúnem as mesmas especificações de conformidade, o menor preço pesa na hora da escolha do consumidor. Quem tem o menor custo é mais competitivo. Na carne bovina, as regras são abrangentes e ponderam além do preço, as condições de

produção, garantias, serviços etc. Se na década passada foram feitos ajustes nos custos e na produtividade, agora cabe saber os fatores que influem nos resultados.

A recuperação da competitividade por meio de menores custos de produção é uma tarefa difícil. Para aumentar a produtividade serão necessários insumos e custos maiores. O poder de barganha com os fornecedores de insumos é pequeno.

As empresas familiares, de menor escala e custos mais comprometidos com a sobrevivência, possuem alternativas para reduzir desperdícios de insumos, horas em retrabalho, excesso de mão-de-obra e

alto percentual de produtos fora do padrão de conformidade [*animais refugos*].

A tecnologia de processos e a análise sistêmica são alternativas viáveis e de baixo custo para aumentar a produtividade, por meio da:

- Demanda de energia do animal;
- Disponibilidade de alimentos;
- Adequação entre a produção da vaca de cria e a pastagem;
- Curva de crescimento dos animais e o seu crescimento compensatório;
- Participação de cada categoria animal na estrutura do rebanho.

Evolução da pecuária de corte no tempo como atividade econômica



Fatores que determinam o resultado em pecuária de corte



Pecuária

O modelo francês

Nádia Alcantara*

Padrões

Na pecuária de corte, o mercado começa a definir padrões de conformidade e de especificações para cada produto. Quando um produtor vende um lote de novinhos ao frigorífico, os animais sem atender ao padrão estabelecido sofrem deságio.

Existem aspectos relacionados com outros fatores influentes e o mercado. O efeito da gripe aviária sobre a redução dos preços pagos ao pecuarista superou o da febre aftosa.

A diferenciação é representada pela qualidade de produto, o processo de produção ou a sua conformidade em particular. Quando isto ocorre, o produtor negocia melhor o preço. Essa é uma das opções para alguns sistemas agroalimentares locais. A apropriação do como fazer, a incorporação de selos raciais, marcas e identificação de origem são discretas realidades. No curto prazo, uma vantagem competitiva da pecuária brasileira.

Embora as exportações brasileiras não remunerem adequadamente o produtor, existem sistemas especializados em produzir para atender um segmento qualificado, disposto a pagar um preço maior. A estratégia é construir uma vantagem competitiva, cuja cadeia de valor alcance o pecuarista. O requisito é realizar uma prospecção clara do mercado e o obter compromisso dos produtores de atender as exigências, como é o caso da rastreabilidade, por exemplo, para transformá-la em oportunidades. ■

A AGROPECUÁRIA francesa reestruturou-se. O aumento em área das propriedades e a especialização da pecuária começaram há 10 anos. A sociedade familiar, camponesa, perde espaço para a agricultura profissional, preocupada com *performance* e viabilidade econômica.

Na França, era comum o filho suceder o pai na atividade na unidade agrícola. Atualmente, os jovens franceses consideram esse trabalho arcaico, com muita dedicação e baixo retorno econômico. A sucessão fica cada vez mais difícil, quando uma parte importante dos pecuaristas se aposenta [*os filhos do baby boom, do pós-guerra, de 1945*]. A população rural fica reduzida e aumenta a concentração das terras.

A reforma da Política Agrícola Comum (PAC) não estimula a produção. Os agricultores recebem o subsídio sob a forma de DPU – Direito de Pagamento Único, vinculado ao produtor e não à produção. Com a diminuição dos subsídios, muitas propriedades ficarão inviáveis. Somente pecuaristas mais eficientes se manterão na atividade, cuja tendência é de redução. As palavras de ordem para eles são produtividade e economia de escala.

O mercado francês passa a ser deficitário em carne bovina, com a redução da atividade e dos volumes de produção. A necessidade de produto de qualidade forçará uma maior abertura para o fornecimento externo. Cria-se um cenário mais favorável de acesso à carne bovina brasileira.

Reforma

A PAC foi criada nos anos 50, após a 2ª Guerra Mundial, para garantir a auto-suficiência em alimentos no bloco europeu. Maior beneficiária da ajuda financeira para

a agricultura no continente, a França recebe cerca de 70% da ajuda destinadas ao setor. O país apresenta a maior resistência à política de abertura de mercados, discutida no âmbito da Organização Mundial do Comércio e tão almejada pelos brasileiros.

Os outros países, como Reino Unido e Alemanha, como não concordam em financiar uma agricultura pouco competitiva e cara, pressionam a França a mudar sua estratégia protecionista e usar outros argumentos para receber subsídios, além da proteção ambiental e a importância em manter a tradição camponesa.

Internamente, apenas 5% da população francesa se beneficia dos subsídios europeus e da política de proteção agrícola. O resto da população começa a contestar essas ajudas. O estado enfrenta problema de déficit público. A redução da população economicamente ativa e o forte movimento de imigração terão forte impacto no sistema social francês, nos próximos anos.

Em 2006, foram colocadas em prática as primeiras medidas para a redução dos subsídios à agricultura, em curso até 2013. Certas exceções foram concedidas para a França, tais como o pagamento de subsídios vinculados a sistemas de manutenção dos rebanhos de vacas de corte, considerados sensíveis.

Pelo sistema de DPU, o produtor recebe uma ajuda fixa correspondente à média do subsídio recebido entre os anos de 2000 e 2002. O subsídio fica desvinculado da produção e passa a ser vinculado ao produtor. Para receber plenamente os subsídios, o agricultor deve respeitar as diretrizes europeias de proteção ambiental.

Contadores rurais franceses do Centro de Gestão Rural do Grande Oeste Francês consideram ainda cedo para o agricultor sentir os impactos da reforma da política agrícola. Os efeitos serão percebidos dentro de um a dois anos. As propriedades com plantéis menores que 20 vacas correspondem a 49% do total.

Reestruturação

A superfície agrícola francesa reduziu-se de 51% a 47% na década de 90. Para a pecuária isso significou uma redução da

* Médico Veterinário, Professor da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS. E-mail: julio.barcellos@ufrgs.br

** Administrador, Professor da Universidade de Caxias do Sul – UCS. E-mail: gcmalafa@ucs.br